

## ESPOROTRICOSE FELINA - REVISÃO DE LITERATURA

Leticia Caroline de Paula Souza<sup>1</sup>, Natália de Fátima Barbosa<sup>2</sup>, Heloísa Peres do Carmo<sup>3</sup> e Alexandre Thomé de Almeida<sup>4</sup>.

<sup>1</sup>Aluna do Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Una Pousos Alegre - Una – Pousos Alegre/MG – Brasil – \*Contato: natbarbosa221@gmail.com

<sup>2</sup>Aluna do Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Una Pousos Alegre - Una – Pousos Alegre/MG – Brasil – \*Contato: Lecarolinedesouza@gmail.com

<sup>3</sup>Aluna do Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Una Pousos Alegre - Una – Pousos Alegre/MG – Brasil – \*Contato: heloisaperes1105@gmail.com

<sup>4</sup>Docente do Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Una Pousos Alegre - Una – Pousos Alegre/MG – Brasil – \*Contato: alexandre.thome@prof.una.br

### INTRODUÇÃO

A Esporotricose é uma micose subcutânea causada por fungos dimórficos do gênero *Sporothrix* e, apesar de ser uma doença de grande importância na saúde pública, por ser uma zoonose, ainda é negligenciada pela população, não demonstrando ter o conhecimento necessário para lidar com a enfermidade, o que pode agravar a sua disseminação e causar o seu descontrole<sup>1,3</sup>. Os animais que mais são acometidos pela doença são os felinos, o principal transmissor para os humanos, sendo assim, o cuidado e a profilaxia com esses animais são importantes<sup>14</sup>.

### METODOLOGIA

O presente estudo teve por base a procura de informações da Esporotricose em sites de pesquisa científica, como: Google Acadêmico, Scielo e PubMed. Revisando conteúdo dos últimos 5 anos, abrangendo desde a etiologia até o tratamento da doença. As palavras-chave utilizadas durante a pesquisa foram: felinos, dermatozoonose, esporotricose, fungos e saúde pública.

### RESUMO DE TEMA

A Esporotricose é uma dermatozoonose, causada por fungos do gênero *Sporothrix*, sendo mais comum no Brasil a *Sporothrix brasiliensis*<sup>1</sup>. O gato doméstico (*Felis catus*) possui grande importância epidemiológica relacionada à doença, pois é considerado um dos principais transmissores para os humanos<sup>2</sup>.

A enfermidade nos felinos pode se apresentar de forma cutânea localizada, linfocutânea, linfática ou disseminada, podendo evoluir para a forma extracutânea<sup>3</sup>. É caracterizada pela presença de pápulas, nódulos e úlceras com secreção purulenta ou hemorrágica<sup>4</sup>. Os animais infectados apresentam lesões ulceradas na face, orelhas e/ou membros com aspecto gomoso<sup>5</sup>. As lesões nodulares, posteriormente, ulceram e liberam secreção sanguinolenta<sup>6</sup>.

O gato doméstico, tem o costume de arranhar árvores, cavar e esconder fezes, envolver-se em brigas por fêmeas ou território, sendo o principal transmissor por ter grande quantidade do agente nas unhas e na cavidade oral<sup>7</sup>.

A transmissão zoonótica dá-se pelo contato direto do homem com as lesões ulceradas, pelas mordidas ou arranhaduras, e por fômites contaminados<sup>2</sup>. O período de incubação varia de três dias a seis meses, sendo a média de três semanas<sup>8</sup>.

Os principais sinais clínicos são lesões cutâneas na cabeça, tendo-se a região nasal e orelhas como as mais acometidas, na cauda podem aparecer lesões ulceradas com ou sem crostas, os locais lesionados podem evoluir para necrose, podendo apresentar exposição óssea<sup>8</sup>. Sinais clínicos comuns, mas inespecíficos podem aparecer, como: febre, anorexia, letargia, perda de peso, desidratação, linfadenomegalia, depressão, apatia, espirros e dispneia<sup>9</sup>. Quando há o acometimento sistêmico, acontecem alterações no fígado, rim, pulmões, baço e linfonodos internos<sup>10</sup>. Existem animais assintomáticos, mas ainda transmissores do agente<sup>8</sup>.

O diagnóstico é realizado pelos dados clínicos, epidemiológicos e exames laboratoriais, incluindo: histopatológicos, citológicos, PCR, provas sorológicas, entretanto, o método definitivo é pela cultura fúngica<sup>11</sup>. As alterações laboratoriais que podem ser vistas em felinos infectados são: anemia, leucocitose com neutrofilia, hipoalbumemia e hiperglobulinemia<sup>1</sup>.

O tratamento é realizado com a administração de antifúngicos<sup>12</sup>. O iodeto de potássio é administrado na dosagem de 10-20 mg/Kg PV, VO, BID. O cetoconazol é administrado por via oral, na dosagem de 5-10 mg/kg PV a cada 12 ou 24 horas, dependendo do estado clínico, porém tem eficácia variável e diversos efeitos colaterais, como anorexia, vômito e diarreia<sup>5,12</sup>. O itroconazol é o mais utilizado, devido a sua eficácia e por apresentar

poucos efeitos colaterais, sendo administrado VO, na dosagem de 15 mg/kg PV, uma vez ao dia, por no mínimo um mês após desaparecimento dos sinais clínicos<sup>12</sup>. O fluconazol, na dosagem de 10 mg/Kg PV, uma vez ao dia, durante um mês após cura clínica<sup>12</sup>. A associação de itraconazol com iodeto de potássio é o tratamento mais efetivo atualmente<sup>13</sup>. O uso de hepatoprotetores, como silimarina (30mg/Kg PV VO) ou S-adenosilmetionina (30mg/Kg PV VO), pode ser indicado<sup>5</sup>.

A eutanásia é sugerida quando não há evolução terapêutica ou piora clínica<sup>2</sup>. Como ainda não existe vacina contra a Esporotricose, o recomendado é isolar animais com lesões cutâneas até confirmação do diagnóstico, e evitar que eles tenham acesso às ruas<sup>3</sup>.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

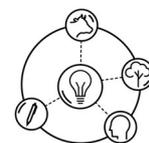
A Esporotricose é uma zoonose, portanto, uma doença de importância na saúde pública. Por conta do comportamento natural dos gatos domésticos, por serem considerados peridomiciliares, eles são os principais vetores do agente etiológico. Por esse motivo, é recomendado a castração de machos e fêmeas para diminuir o seu acesso às ruas.

Por tratar-se de uma doença infectocontagiosa, os principais envolvidos são os médicos veterinários e os tutores, os quais devem fazer bom uso dos equipamentos de proteção individual, como luvas de procedimento para a manipulação dos animais. Além de ser fundamental, a conscientização da população em procurar serviço médico nos casos de arranhaduras e mordeduras por felinos domésticos.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - GONÇALVES, J. C. *et al.* Esporotricose, o Gato e a Comunidade. Fiocruz. Goiânia, p. 729 - 740, **Enciclopédia Biosfera**, set. 2019. Disponível em: <[https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/iciet/37963/ve\\_Gon%c3%a7alves\\_Juliana\\_et\\_al\\_INI\\_2019.pdf?sequence=2&isAllowed=y](https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/iciet/37963/ve_Gon%c3%a7alves_Juliana_et_al_INI_2019.pdf?sequence=2&isAllowed=y)>. Acesso em: 18 abr. 2023
- 2- ARAUJO, A. K. L. *et al.* Esporotricose felina e humana – relato de um caso zoonótico: feline and human sporotrichosis report of a zoonotic case. **Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal**, Pernambuco, v. 14, n. 2, p. 237-247, jun. 2020. Semestral. Disponível em: <[https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/53866/1/2020\\_art\\_aklaraujo.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/53866/1/2020_art_aklaraujo.pdf)>. Acesso em: 18 abr. 2023.
- 3- PIÑEIRO, M. B. C. **TERAPÊUTICA DA ESPOROTRICOSE FELINA: REVISÃO DE LITERATURA**. 2021. 60 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Medicina Veterinária, Especialista em Clínica Médica de Felinos Domésticos, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/233591>>. Acesso em: 18 abr. 2023.
- 4- MOREIRA, J. B. *et al.* Esporotricose felina. **Revista Universo - Edu**, Belo Horizonte, v. 1, n. 7, p. 01-02, 2022. Semestral. Disponível em: <<http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=3universobelo Horizonte3&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=10559&path%5B%5D=5646>>. Acesso em: 18 abr. 2023.
- 5- REZNIK, A. U. **ESPOROTRICOSE FELINA**. 2022. 21 f. TCC (Graduação) - Curso de Medicina Veterinária, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade, Botucatu, 2022. Disponível em: <[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/239203/reznik\\_au\\_tcc\\_bot.pdf?sequence=6&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/239203/reznik_au_tcc_bot.pdf?sequence=6&isAllowed=y)>. Acesso em: 18 abr. 2023.

# XI Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente



6- FREITAS, C. D. T. **Esporotricose em Felinos Domésticos**. 2022. 28 f. TCC (Graduação) - Curso de Medicina Veterinária, Universidade Brasil, Fernandópolis – SP, 2022. Disponível em: <<http://repositorioaca.demico.universidadebrasil.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/637/Esporotricose%20em%20felinos%20dom%e3%a9stico..pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 18 abr. 2023.

7- SALES, A. L. G. **Epidemiologia da Esporotricose animal e humana no município de salvador - BA**. 2021. 109 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Medicina Veterinária, M Biotecnologia em Saúde e Medicina Investigativa, Fundação Oswaldo Cruz, Salvador - Bahia, 2021. Disponível em: <[https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/iciict/57456/ana\\_sales\\_fioba\\_mest\\_2021.pdf?sequence=2&isAllowed=y](https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/iciict/57456/ana_sales_fioba_mest_2021.pdf?sequence=2&isAllowed=y)>. Acesso em: 18 abr. 2023.

8- FERNANDES, C. G. N. *et al.* Esporotricose felina: aspectos clínico-epidemiológicos: relato de casos (Cuiabá, Mato Grosso, Brasil). **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, [s. l], v. 5, n. 2, p. 39-43, mar. 2004. Semestral. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/vti-340>>. Acesso em: 18 abr. 2023.

9- SOUSA, A. S. Relatório De Estágio Curricular Supervisionado **Esporotricose Felina**. 2021. 36 f. TCC (Graduação) - Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Tocantins Campus Universitário de Araguaína, Araguaína - TO, 2021. Disponível em: <<http://umbu.uft.edu.br/bitstream/11612/4151/1/Alana%20Soares%20d%20Sousa%20-%20Relat%e3%b3rio.pdf>> Acesso em: 18 abr. 2023.

10- COSTA, G. P.; TEIXEIRA, P. H. G. ESPOROTRICOSE FELINA: RELATOS DE CASOS. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, Garça, v. 2, n. 37, p. 37-43, nov. 2021. Semestral. Disponível em: <[http://www.facv.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/4rDRbaSlnhDUxXF\\_2022-2-2-14-51-40.pdf](http://www.facv.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/4rDRbaSlnhDUxXF_2022-2-2-14-51-40.pdf)>. Acesso em: 18 abr. 2023.

11- SANTOS, K. K. F. **ESPOROTRICOSE FELINA: RELATO DE CASO**. 2019. 21 f. TCC (Doutorado) - Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Garanhuns – Pe, 2019. Disponível em: <[https://repository.ufrpe.br/bitstream/123456789/1543/1/tcc\\_eso\\_karllakeylaferreiradossantos.pdf](https://repository.ufrpe.br/bitstream/123456789/1543/1/tcc_eso_karllakeylaferreiradossantos.pdf)>. Acesso em: 18 abr. 2023.

12- BEROCAL, G. M. C.; GOMES, D. E. ESPOROTRICOSE EM FELINOS. **Revista Científica Unilago**, [s. l], v. 1, n. 1, p. 01-07, 21 jan. 2020. Semestral. Disponível em: <<https://revistas.unilago.edu.br/index.php/revista-cientifica/article/view/334>>. Acesso em: 18 abr. 2023.

13- TÓFFOLI, E. *et al.* Esporotricose, um problema de saúde pública: Revisão. **Pubvet**, [S. l.], v. 16, n. 12, 2022. DOI: 10.31533/pubvet.v16n12a1280.1-7. Disponível em: <<http://ojs.pubvet.com.br/index.php/revista/article/view/2977>>. Acesso em: 18 abr. 2023.

14- MOREIRA, J. B. *et al.* Esporotricose Felina. **Revista Universo - Edu**, Belo Horizonte, v. 1, n. 7, p. 56-56, abr. 2022. Semestral. Disponível em: <<http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=3universobelohorizonte3&page=article&op=view&path%5B%5D=10559&path%5B%5D=5646>>. Acesso em: 18 abr. 2023.